

## Uma estátua que fala

Traductora: Sara Trunk

Uma jovem garota, uma cadeira vazia. Suas mãos estão fechadas em forma de punho: ela aparenta estar determinada. E, de fato, ela está com grande determinação. Ela quer quebrar seu silêncio. Ela está pronta para contar a você sobre os crimes contra as chamadas „mulheres de conforto“ cometidos durante a guerra pacífico-asiática (1931-1945), as quais confortavam os soldados com seus corpos. Você não gostaria de sentar-se junto a ela e escutar o que ela tem a dizer?

Com 17 anos de idade, **Kim Sundeok da Coreia** foi enganada por um anúncio de enfermeiras japonesas e em seguida passou vários anos numa “estação de conforto” antes de conseguir fugir em 1940. **Mardiyem, de Java**, tinha 13 anos quando recebeu a promessa de poder participar de uma produção de teatro em Borneo. No entanto, ela também foi levada a uma „estação de conforto“. **A taiwanesa Tsai Fang Mei** também tinha 13 anos quando soldados japoneses a sequestraram.

Durante o dia, ela servia nas barracas limpando e cozinhando. À noite, ela era obrigada a ficar à disposição dos soldados japoneses como uma “mulher de conforto” dentro de uma caverna em Hualian.

**Shen Chung Ah Ma** relata sua dor: „Muitas vezes eu sinto que a minha vida acabou naquele dia em que virei escrava sexual“. Após os abusos, ela acostumava ir às montanhas com uma amiga sobrevivente para chorar, já que ninguém podia saber o que elas sofriam.

É difícil contabilizar o número de afetadas, até porque o governo japonês destruiu grande parte dos documentos após a guerra como consequência de uma política de negação. Yuki Tanaka, professor de história na universidade de Hiroshima, estima que haviam entre 80 mil e 100 mil “mulheres de conforto”. Cada uma delas devia “confortar” em média 35 soldados. Diariamente. Até hoje a ala conservadora de direita do Japão afirma que as „mulheres de conforto“ tenham aderido de maneira voluntária e sem pressão às “estações de conforto”.

Mais da metade das afetadas eram menores de idade no momento de seu recrutamento. **Shen Chung Ah Ma** detalha que ela era tão nova que nem mesmo sabia que sexo podia levar a uma gravidez. Muitas mulheres sofreram abortos espontâneos ou foram obrigadas a abortar. Porém, uma gravidez não protegia contra a violência sexual. Após o fim da guerra, numerosas “mulheres de conforto” foram fuziladas enquanto que as sobreviventes se calaram para que não fossem expulsas de suas comunidades.

Somente em 1990 foi formado o movimento transnacional, originário da Coreia do Sul, o qual se engajou pela justiça das „mulheres de conforto“ e contra a violência em períodos de guerra ([Conselho Coreano](#)). Em 1991, a „ex-mulher de conforto“ **Kim Hak-Sun** deu um discurso televisivo, impulsionando muitas outras mulheres a testemunharem em público: o longo silêncio tinha sido quebrado.

Desde 1992, todas as quartas-feiras, realizam-se manifestações conduzidas pelo Conselho Coreano em frente à embaixada do Japão em Seoul. Até hoje. O objetivo das manifestações? O reconhecimento oficial das „mulheres de conforto“ e seu sofrimento causado pelo exército japonês.

Em 2011, chegou uma nova companheira às manifestantes: uma menina nova, uma cadeira vazia no seu lado. Suas mãos estão fechadas em forma de punho. Você deveria reconhecê-la. A estátua de paz feita de



© Stefan Hopf

Estátua da Paz, concebida pelo casal de artistas sul-coreanos Kim Seo-Kyung e Kim Eun-Sung



© Pudmaker / 2012 년 개천절 수요시위 / CC-BY-SA-3.0

Às quartas-feiras, a estátua de bronze da paz em Seul é um importante ponto de encontro para os manifestantes.

bronze que apoia as manifestantes na Coreia do Sul todas as quartas-feiras, foi desenhada pelo casal artístico sul-coreano Kim Seo-Kyung e Kim Eun-Sung. Assim como a estátua, do lado da qual você está sentado/sentada agora, quer nos alertar para que nós não evitemos o passado.

As lembranças ficam dolorosas para as afetadas segundo **Kim Hak-Sun**: “Todas as vezes que eu penso naquele tempo, fico com o peito apertado e ainda sinto medo.” Contudo, sobretudo as lembranças dolorosas não devem ser esquecidas, já que são lembranças como essas que encorajam as pessoas a relatarem seu sofrimento. São essas lembranças que devem ser mantidas para as futuras gerações para evitar que o passado se repita. E é exatamente esse o objetivo desta estátua. Ser parte da cultura de recordação. Um monumento contra a violência contra as mulheres e os crimes de guerra. Um memorial para que o passado não possa ser abafado e as vozes não possam ser reprimidas - ao menos sempre quando a sociedade civil se unir e lutar por esta causa incansavelmente.

E é exatamente esse o nosso propósito: Que essas vozes reprimidas sejam escutadas. Com isso, compartilhamos o

objetivo de ativistas corajosos do mundo inteiro que já levam décadas lutando por isso - mesmo que, e neste caso mais do que nunca, todo um governo lhes seja hostil e tente derrubar as estátuas colocadas. Neste contexto, desde a instalação de uma estátua de paz em Berlim em setembro de 2020, existe um debate constante se ela pode ficar. Por meio de pressão da política exterior japonesa, a instalação de mais estátuas em outros lugares da Alemanha já foi impedida.

Também aqui em Leipzig nós não tivemos sucesso em instalar uma versão de bronze da estátua. A estátua ao lado da qual você está sentado/sentada, cujas histórias pode escutar, **estará aqui somente hoje**. Não esqueça dela!

Korea-Verband e.V. (n.d.). *Biographien von Zeitzeuginnen*. <https://www.koreaverband.de/trostfrauen/zeitzeuginnen/> (Zugriff am 14.05.2022).

Han, N. J.-H. (Hrs.) (2019). *Überlebende brechen das Schweigen: Katalog anlässlich der Dauerausstellung Die „Trostfrauen“ und der gemeinsame Kampf gegen sexualisierte Gewalt, im Rahmen des Museumsprojekts MuEon DaEon*, Berlin: Korea-Verband e.V.

Mladenova, D. (2022). *The Statue of Peace in Berlin: How the Nationalist Reading of Japan’s Wartime “Comfort Women” Backfired*. 20(4), <https://apjif.org/2022/4/Mladenova.html>.

Nishino, R. (2020). Forcible Mobilization. In R. Nishino, P. Kim & A. Onozawa (Hrs.), *Denying the comfort women: The Japanese state’s assault on historical truth*, 40–63. New York & London: Taylor & Francis, <https://doi.org/10.4324/9781315170015>.

Tanaka, Y. (2019). War, Rape and Patriarchy: The Japanese Experience. In G. Zipfel, R. Mühlhäuser, & K. Campbell (Hrs.), *In Plain Sight: Sexual Violence in Armed Conflict*, 30–51. New Delhi: Zubaan Academi.

Yoshimi, Y. (2003). Das Problem der ‚Trostfrauen‘. In S. Richter & W. Höpken (Hrs.), *Vergangenheit im Gesellschaftskonflikt. Ein Historikerstreit in Japan* (97–117). Köln: Böhlau.